



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## **RELAÇÕES DE GÊNERO E DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO ENTRE CATADORAS DE RECICLÁVEIS EM COOPERATIVAS PAULISTANAS**

**Maria Lucia da Silveira**  
pesquisadora da SOF  
malusilv@uol.com.br

A pesquisa aqui relatada faz parte de uma pesquisa mais ampla sobre gênero e manejo de resíduos sólidos urbanos coordenada pelo Instituto Pólis, em São Paulo e realizada simultaneamente em mais três cidades da América Latina (IDCR), quais sejam: Montevideu, Cochabamba e Lima com coordenação geral da ONG DESCO, do Peru.

Foram realizadas 14 entrevistas em profundidade com catadoras e 6 entrevistas com catadores, consideradas como grupo de controle, no município de São Paulo, levando em conta diversas regiões da cidade. Dentre as catadoras 4 eram avulsas, 3 organizadas em associações e 7 em cooperativas mais ou menos estruturadas e pleiteando convênio com o poder público municipal. Dentre essas, apenas uma cooperativa tem convênio pleno com o Departamento de Limpeza Urbana - Limpurb, órgão da Secretaria de Serviços da Prefeitura. Isso significa que tanto o local onde trabalham, quanto os caminhões da coleta seletiva e o lixo destinado provêm da Prefeitura, ou seja, trata-se de uma das centrais públicas de triagem da cidade, localizada na região sul.

Quanto à idade das entrevistadas, constatamos que 5 delas, a maioria, estão na faixa etária entre 50 e 55 anos; 3 delas, na faixa entre 25 e 29; uma com 31 anos; 2 delas entre 38 e 40 anos; uma delas com 48 e uma com 65 anos.

A maioria das entrevistadas tem Ensino Médio completo, perfazendo 11 delas; uma delas tem o Ensino Fundamental incompleto (fez até a sétima série); duas delas analfabetas, sendo uma semi-analfabeta, atualmente cursando educação de adultos.

Quanto à profissão anterior das catadoras entrevistadas, 3 delas foram metalúrgicas, uma delas se aposentou na profissão; 2 foram secretárias; uma costureira; 3 passaram pelo emprego doméstico; uma foi auxiliar de enfermagem e 3 passaram por outras profissões, como vendedora e operária.

A percepção da divisão sexual do trabalho ou divisão do trabalho por gênero aparece nas entrevistas, às vezes reproduzindo o senso comum ou o padrão hegemônico de gênero, revelando ambiguidades entre o que se descreve com relação às diferentes posturas frente ao trabalho de homens e mulheres na coleta/ catação ou nas atividades de reciclagem, incluindo-se aí os estereótipos femininos e masculinos naturalizados e que muitas vezes, contraditoriamente,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

aparecem acompanhados da invisibilidade das diferenças reais, seja pelo espanto com relação ao questionamento (“nunca tinha pensado nisso antes”), redundando numa resposta sem muita firmeza; seja na resposta supostamente correta de que todos são iguais ou “não tem diferença” entre homens e mulheres nesse tipo de trabalho.

Não obstante, uma leitura mais acurada descortina aspectos essenciais da postura das mulheres frente às atividades, o que vem corroborar o que os estudos sobre a divisão sexual do trabalho apontam: a socialização das mulheres para fazer muitas atividades simultâneas, ou mesmo para executarem uma diversidade de tarefas circulando entre o espaço do mercado e o espaço doméstico, um olhar geral para os cuidados com o entorno, são características do trabalho na esfera da reprodução, tradicionalmente a cargo das mulheres, trazidas para o espaço público. O denominado trabalho de cuidados (Carrasco, 2002) é naturalizado e apropriado seja no espaço do trabalho remunerado, seja no espaço doméstico, não como habilidade duramente adquirida, como qualificação, mas como o lugar comum “da força natural da mulher”. Ou seja, expressões laudatórias ainda se mesclam ao reconhecimento da real qualificação das mulheres, cuja gênese histórica se dá em meio à construção social de sua subalternidade social.

Tais ambiguidades no discurso nos sujeitos da pesquisa precisam ser apreendidas a fim de, cada vez mais, seja possível explicitar que tarefas, ações e atitudes 'ditas femininas' podem ser compartilhadas socialmente. Tais componentes aparecem claramente com ênfase no trabalho das catadoras e podemos discutir ao final a hipótese desse trabalho ser ressignificado, ou potencializado, na direção da sustentabilidade da vida humana a partir da desconstrução da naturalização e reconhecimento da qualificação múltipla do trabalho das catadoras, especialmente de suas habilidades na triagem.

Nesse sentido, a entrevista 6, com uma dirigente de uma nova cooperativa na zona sul da cidade, traz uma perspicaz observação dessa capacidade das mulheres quando perguntada se há diferenças no trabalho das mulheres e dos homens seja quanto às tarefas desenvolvidas, seja quanto à aceitação das mulheres em tarefas consideradas tradicionalmente masculinas:

“Apesar que é mais a mulher que trabalha. Porque o homem é assim, se ele vai, por exemplo, colher o material na rua ele quer só pra trazer o material até aqui. A mulher não, a mulher vai lá, ela bate na casa, ela pede o material, ela põe dentro do bag, ela ensaca, ela arruma. Agora o homem não, o homem se ele fala que ele vai fazer isso é só isso, ele não faz vários trabalhos. Eu acho que a mulher ela é muito mais, ela faz vários tipos de trabalho e mesmo que canse ela faz”.

Esse depoimento revela também que o costume de divisão rígida de tarefas não faz parte da



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

experiência feminina cotidiana, além disso, o trabalho das mulheres é em grande parte informal e essa atitude que a entrevistada observa na cooperativa em formação advém também da socialização masculina para o trabalho formal, baseado no modelo fabril, onde a delimitação das tarefas e das funções eram comuns, um mundo do trabalho que já está muito distante da realidade e que cada vez mais se espelha na informalidade e na indivisibilidade e multiplicidades dos trabalhos das mulheres que tradicionalmente estão sempre “se virando”.

Com relação à negociação para venda do material e às informações sobre os preços dos diferentes tipos de materiais as catadoras também valorizam o empenho e a capacidade das mulheres, mesmo que em muitos lugares essa tarefa ainda seja destinada aos homens.

Nessa mesma direção, já na primeira entrevista realizada aparece a observação dessa atitude das mulheres em buscar solução para suas necessidades e de encontrar alguma forma de gerar renda ou de terem a iniciativa de buscar trabalho onde houver.

As diferenças são mais percebidas porque há mais mulheres que saem para trabalhar e desenvolvem atividades junto com os homens permitindo comparação:

“Pra te falar a verdade eu estou numa cooperativa e a gente vê mais força de vontade de aprender, de trabalho das mulheres que dos homens. Eu acho que se eu pegar lá dentro uma mulher e botar pra dirigir a empilhadeira, ela vai aprender mais rápido do que os homens que eu estou treinando”.

Uma das entrevistadas (entrevista nº 2), que trabalha com o companheiro coletando na rua e comercializando em conjunto com uma associação, também observa diferenças nas atitudes e modos de encarar o trabalho entre homens e mulheres:

“Tem homem que não gosta de separar, gosta mais de puxar carroça, eles separam às vezes porque não tem ninguém para separar pra eles, daí tem obrigação de separar, porque não pode ficar muito tempo também o material acumulando ai, que o material vai estragando”.

Outra catadora cooperada afirma que é possível dividir o trabalho com mais equidade exemplifica dizendo que nesse local, nos boxes, há duplas trabalhando juntas e tem normalmente um homem e uma mulher. Deise, da Cooperativa Vira Lata, tem opinião diferente:

“Olha dentro da Cooperativa não tem diferença não, porque o trabalho que a mulher faz o homem faz também e vice-versa. Nós temos mulheres que coletam na rua também. Eu coletava na rua, o caminhão passando e eu pegando e jogando dentro do caminhão”.

A catadora da Coopercrescer apresenta a sua percepção das diferenças do trabalho dos homens e das mulheres na triagem, observa que:

“ Porque a mulher é mais cuidadosa, né... E homem não, homem é largado, né. Que nem com esses



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

vidros aqui. Eu estou aqui em baixo porque? Porque desceram uns vidros, misturava todos os vidros e a carga às vezes voltava, então não pode voltar. Mas foi um homem que separou. Aí eu tive que descer para arrumar o serviço dele. Aí toquei três meses. Porque até o homem que trabalha com a San Marino que vem pegar caçamba toda semana falou: Eu gosto de gente caprichosa, eu gosto de trabalhar com mulher porque é caprichosa. Tem pressa para entregar carga, mas também não pode fazer as coisas mal feitas”.

Nesse discurso fica claro como as indústrias compreendem, se utilizam e se beneficiam das habilidades adquiridas pelas mulheres ou seja sua qualificação para a triagem, reforçando a divisão sexual do trabalho encoberta, nesse exemplo acima, pelo elogio naturalizador do 'capricho' feminino. Quanto à capacidade de negociação, encontramos relato que expressa uma certa distância até mesmo física dos homens que negociam, vendem e administram, o que a nosso ver, independente da intenção, revela um maior poder de decisão masculino que reproduz a tradicional divisão de poder: “...os encarregados ficam lá em cima.... Eu acho que é mais fácil pra eles, eles já tem um grau melhor....”

Quanto às diferenças mais observadas nas atividades de trabalho mais corriqueiras, tais como coleta, separação e comercialização, as catadoras consideram-se capazes atualmente de realizá-las, ainda que persistam as preferências masculinas pelas atividades externa e uma naturalização da triagem como atividade para mulheres.

Numa cooperativa na zona sul da cidade, organizada pela subprefeitura, como central de triagem, onde trabalham 42 pessoas e se reproduz a tradicional divisão sexual do trabalho parece haver uma hierarquia na cooperativa e interferência maior da Prefeitura em suas exigências de metas e turnos, via Departamento de Limpeza Pública da Secretaria de Obras da Prefeitura de São Paulo – Limpurb: “As mulheres ficam mais na esteira triando, uma fica aqui na cozinha para fazer a limpeza, para esquentar as marmitas e os homens fazem a coleta, é bom pra pegar peso”.

Também catadoras avulsas indicam problemas e diferenças entre mulheres e homens na catação na rua, especialmente em torno da sociabilidade entre si e na relação com os materiais que coletam. A 15ª entrevistada que trabalha como avulsa comenta alguns desses aspectos:

“ E com as mulheres é tudo bem, a gente, se está na rua e vê um material que eu não pego e ela pega, a gente diz vai lá na rua tal e às vezes até troca, então é uma colaboração entre mulheres....”

A preocupação predominante que está presente na cabeça da maioria das catadoras pode ser atribuída a aspectos das diferenças de gênero, agravadores da sobrecarga de trabalho de cuidados com os filhos e com o espaço doméstico, que se manifesta também como sobrecarga psíquica ao se



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

verem sós nas chamadas obrigações domésticas:

“Tem diferença porque o homem gosta de fazer a coleta, não gosta muito de estar na área separando... . Se ele fica concentrado ali, e muitas vezes a gente conversa, 'ai, mas eu tô perdendo tempo! Em qualquer lugar ele fala eu estou perdendo tempo, tem que buscar aquele material lá no centro, sei lá onde. Talvez seja menos material pra buscar do que aquele que temos pra separar, mas ele acha que se for está ganhando mais tempo”.

**A mulher, não gosta muito de sair longe não, a gente gosta mais de ficar próximo mesmo, fazer a coleta seletiva mais próxima dali da onde a gente está. Porque acho que é uma visão geral, que a gente tem mais aquela vontade de estar mais perto de casa, de estar mais perto dos filhos, da escola. Então se a gente vai pra muito longe: ' será que vai dar tempo de eu chegar pra buscar meu filho na escola, de eu buscar na creche? ... A mulher acha mais fácil estar mais próximo de onde a gente, mora, trabalha e vive. Enquanto os homens não tão nem um pouco preocupados podem ir longe... »(negritos nossos, nomes fictícios)**

O catador avulso ressalta “a sua movimentação” ou seja, sua capacidade de resolver vários problemas e realizar mais atividades do que sua companheira. De modo oposto, a coordenadora da cooperativa mencionada com destaque inicialmente, ressalta a **capacidade e disposição das mulheres para serem multi-tarefas e sua maior cooperação e resolutividade.**

Uma das questões mais importantes para descortinar o peso da dimensão de gênero especialmente quanto à divisão sexual do trabalho, diz respeito ao uso do tempo no cotidiano, uma vez que possibilita enxergarmos as desigualdades de gênero que circulam e se interconectam entre os espaços público e privado remarcando, de modo geral, a sobrecarga de trabalho e a subalternização das mulheres.

É indiscutível que o cotidiano de homens e mulheres na cidade, nas classes subalternas é árduo e precário. Isso é mais marcante para catadores e catadoras, os quais, por exemplo, em sua maioria dentre os entrevistados, fazem o trajeto a pé. Mesmo os que trabalham em cooperativas e associações e principalmente os que moram em pensão e albergue, mas também os que têm moradia alugada ou própria ir e voltar caminhando para o trabalho é a situação que mais apareceu nas entrevistas, sejam catadoras/es avulsas/os ou organizadas/os.

Além do mais, o trabalho de catação principalmente na rua ou mesmo em cooperativas, nas condições atuais, no município de São Paulo, é bastante pesado e desgastante para ambos os sexos.

Não obstante, os padrões hegemônicos de gênero acentuam a sobrecarga de trabalho das mulheres trazendo impactos no espaço público e no mercado de trabalho. Como vimos no item anterior, os



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

relatos das catadoras de que não podem se deslocar para muito longe, porque têm filhos e precisam buscá-los na escola, cuidar deles se estão doentes, preparar as refeições, além do restante do serviço **doméstico condiciona suas possibilidades, tanto no espaço do trabalho remunerado, quanto na vida doméstica.**

Os arranjos familiares na maioria das catadoras entrevistadas não as aliviam das tarefas domésticas e as limitam nas possibilidades de trabalho ao pressionarem seu cotidiano. Vemos que sua condição de responsabilidade pelo trabalho de cuidados não é reconhecida pelos parceiros conjugais e de trabalho expressando nada mais do que a **invisibilidade característica do trabalho doméstico, o qual por não ser reconhecido socialmente como trabalho, além de não pago, constrange as possibilidades e até mesmo as expectativas das mulheres frente ao trabalho remunerado.**

Assim, na vida familiar, a alteração da divisão do trabalho doméstico com os companheiros necessita de muita negociação, que nem sequer é demandada pelas mulheres em geral, e especialmente pelas catadoras, já que naturalizam essa condição, ou se conformam a ela como sendo seu dever inato. E observamos que, em geral, elas ficaram surpresas nas entrevistas quando solicitadas que estimassem o tempo gasto com as tarefas domésticas e com o trabalho remunerado.

No Brasil, estudos recentes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, como a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD que realiza de dois em dois anos entrevistas aprofundadas sobre as condições de vida e trabalho nos domicílios - começou-se a perguntar quanto tempo homens e mulheres gastam no trabalho remunerado e no trabalho doméstico. Essas questões foram estimuladas pelas pesquisadoras e são também essenciais para o debate da socialização do trabalho no espaço familiar entre todos, iluminando o que tem se mostrado um dos pilares das desigualdades de gênero.

Além disso, a responsabilidade do Estado nessa socialização é outro eixo relevante para a desconstrução das desigualdades entre homens e mulheres, quando garantir efetivamente equipamentos coletivos, como creches, escolas em tempo integral, restaurantes populares, dentre outros.

A pesquisadora Bila Sorj, socióloga da Universidade Federal do Rio de Janeiro, analisando os dados da PNAD divulgada em 2006, constatou que as mulheres brasileiras gastam, em média, 35 horas por semana em afazeres domésticos e os homens, 9 horas. Leia-se em trabalho remunerado e trabalho doméstico e de cuidados.

Mas voltemos a destacar esses aspectos no depoimento das catadoras entrevistadas. Muitas delas vivem só, são responsáveis pela família, têm filhos, outras convivem com companheiro, mas são



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

elas as que sustentam a casa nos casos em que os filhos são de uniões anteriores; várias vivem em um quarto de pensão pelo qual pagam aluguel ou em casa cedida no quintal familiar, ou seja, no mesmo terreno há uma casa principal que pertence a pais ou avós das entrevistadas.

Uma das catadoras avulsas afirma que quando os filhos ficam doentes são elas quem cuidam, desde pequenos, porque não tem muito contato com o pai das crianças.

Uma das organizadoras da Coopergaia dedica tempo de trabalho à associação onde é monitora, dedica um dia por semana, além de fazer outro trabalho voluntário. *Não tem tempo livre* para cuidar de si mesma.

Nota-se que essa entrevistada é uma pessoa pró-ativa que resolve problemas da família, da cooperativa e da comunidade, mas afirma que, em sua casa, nas decisões sobre em que gastar e na contribuição nas despesas da família todos decidem juntos, que todos são responsáveis pelos gastos da casa, que homem e mulher “gasta igual, a gente põe na balança”. Mas exemplifica, quase ao acaso, como as mulheres são mais responsáveis nos gastos com os proventos da família: “Agora se a gente vê ele gastando a toa a gente cobra porque agora, com esse negócio de maquininha aí, o marido tem tendência pra gastar e a gente pega no pé toda hora, a gente vê, a gente vai lá e tira ele”. Outro exemplo significativo é o da coordenadora da Associação Magnolia Dei. Além do trabalho com catadores, atua no Fórum de Catadores da Zona Leste e computa essas horas como trabalho voluntário para a comunidade, mas trata-se de um trabalho social, não um emprego remunerado. Para ela, tais atividades configuram uma 'profissão'. Sem dúvida pelo seu discurso não muito linear, atualmente trabalha em média 12 horas por dia.

Evidenciar esse aspecto é necessário para lembramos essa característica da divisão sexual do trabalho: sempre há alguma mulher no trabalho doméstico e de cuidados, a mãe, a sogra e, em geral, a avó.

A partir desses dois tópicos podemos concluir que é necessário questionar e construir práticas de alteração e mesmo de superação da divisão sexual do trabalho tradicional. Para isso, visibilizar a interdependência do mundo da produção com o de reprodução deveria ser um eixo fundamental da formação para um mundo mais igualitário, solidário e sustentável, pois as esferas pública e privada são articuladas e determinantes para garantir o funcionamento da sociedade. Alterar o modo de conceber o conceito de trabalho, ampliando-o para além da esfera do mercado de trabalho contribui para reconhecer a dedicação e o trabalho das mulheres como fundamental para a sustentabilidade da vida humana. Contribui também para pensarmos mecanismos de socialização do trabalho doméstico com os homens e com a sociedade, assim garantindo às catadoras mais tempo livre para estudar,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

para descansar e ter atividades de lazer e ampliar sua participação política e social.

### **Questões centrais em torno da coleta seletiva na cidade e sua organização em cooperativas**

Na gestão do PT em São Paulo (2001-2004) houve incentivo e todo um debate para a formação de cooperativas de catadores como forma de prestação de serviços no setor da coleta seletiva, triagem e pré-beneficiamento de materiais recicláveis. Porém, a gestão atual da prefeitura colocou este processo em ritmo lento ou em compasso de espera. Pelo menos nos últimos 6 anos o processo de convênios com a Limpurb foi secundarizado, adiando a extensão da coleta seletiva na cidade por meio de convênios com cooperativas ou a ampliação do número de centrais de triagem de recicláveis.

Essa questão aparece com destaque no discurso das entrevistadas como uma meta buscada ativamente, resultado de muita luta, mas frustrada pela política da atual gestão, o que, juntamente com a crise econômica, que teve seu ápice em 2009, refletiu no cotidiano de trabalho das cooperativas formadas ou em formação. Um exemplo típico da expectativa e luta para conseguir um convênio com a prefeitura, bem como da dificuldade diante do recuo da prefeitura do município aparece na narrativa de Deise:

“Eu não consegui mais emprego, aí quando eu descobri que existia centrais de reciclagem em outros lugares eu resolvi procurar e descobri que na subprefeitura do Campo Limpo, nem em M’Boi (bairro de São Paulo) não existia, e eu fui procurar em outros lugares e eles falaram: “não, vai na sua região e procura porque lá tem”, só que eu vim procurar e não tinha, e aí me informaram que a gente tinha que se documentar, aí eu me documentei e nós estamos todos documentados só que a prefeitura até hoje não aceitou fazer o convênio conosco.”

“Olha, como a gente tinha esperança de convênio então nós alugamos o espaço na esperança de que a Limpurb e a prefeitura acompanhasse, aí nós começamos a acompanhar todas as reuniões, reuniões de fórum [de catadores]. Onde tinha reunião a respeito de reciclagem nós fomos atrás pra conseguir esse convênio e até hoje não conseguimos.”

“A princípio seria o convênio da reciclagem, se ficar o convênio no Campo Limpo, no M’Boi seria a melhor coisa pra reciclagem porque a gente sabe que 100 pessoas passam a ter um salário, um salário razoável.”

“Quatro anos que a gente está tentando se conveniar. Nós já tínhamos o espaço cedido pela prefeitura, era um antigo sacolão, ele já estava reformado até com a luz, o cabo de luz que precisa pra ligar o maquinário só que eu não sei qual foi o motivo, esse ano, a prefeitura desistiu.”

“Não explicaram. Inclusive toda a documentação a gente já fez dentro desse endereço porque já



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

estava destinado! Está reformadinho pra reciclagem e este ano eles disseram que não e não disseram o motivo. Aqui [no galpão alugado] nós pagamos quatrocentos reais só de aluguel”.

No caso de uma Central de Triagem da zona sul, que já está constituída e tem cooperativa formada, há problemas relevantes quanto à falta de autonomia ou de decisão conjunta com os cooperados e, além disso, as condições concretas das instalações deixam muito a desejar. Apesar disso, a Limpurb impôs que se iniciasse o trabalho em 2 turnos, segundo o presidente da cooperativa. Também segundo a cooperada entrevistada, Marli:

“É a prefeitura que traz o material... Quando chegou aqui a gente já pensava que todo o terreno era da prefeitura. Não, só o galpão, as máquinas que tem aqui é da prefeitura [sub-prefeitura de Cidade Ademar] agora o terreno é do Limpurb e se a gente precisa, por exemplo, ligar a luz tem que falar com a Limpurb. Aqui a gente faz reunião de quem é que vai pra que canto. Dá pra retirar uns R\$540,00, não dá pra passar mais. Tira o INSS (Instituto Nacional do Seguro Social). Nossa, é muito cheio de gente, são 54 pessoas. A prefeitura mesmo que traz pra separar e além disso, a gente vai buscar no porta a porta. Para isso são 4 caminhões com 2 cooperados”.

Aparecida, da Coopere, na região central, onde trabalha há pouco mais de 4 anos, veio de um dos núcleos de catadores formados pelo Recifran (associação de catadores). Atualmente a Coopere trabalha em 2 turnos. Ela recebe, trabalhando de segunda-feira a sábado, cerca de R\$700,00, no turno das 6 às 14hs, na triagem, descontados os 11% do INSS. O convênio com a prefeitura se dá por meio do fornecimento de caminhão para que os cooperados façam a coleta seletiva porta a porta. Nesse caso, a entrevistada afirma que a relação com os colegas de trabalho é realmente de cooperação. Trabalham com os equipamentos de proteção e uniforme. Afirma que a relação com a vizinhança do entorno é ótima. Fazem também um trabalho de educação ambiental. Ela mesma faz palestras em escola, condomínios.

Entre as três catadoras avulsas entrevistadas e mesmo entre as catadoras organizadas há, desde desconhecimento, desânimo por falta de proteção social (seguridade social) e investimento do poder público na ampliação da coleta seletiva até a desconfiança de que na cooperativa alguns podem trabalhar menos e prejudicar quem trabalha mais e acreditam que ser 'avulsa' garante mais 'autonomia'.

### **Paradoxos do trabalho com a coleta seletiva e triagem de resíduos na visão das catadoras**

Embora as catadoras entrevistadas (e os catadores do mesmo modo) afirmem que a catação de material reciclado nas ruas ou em cooperativas seja um trabalho digno, observa-se nas entrevistas que a maior parte delas iniciaram essa atividade porque estavam desempregadas ou em trabalhos



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

que eram insuficientes para manter-se. Algumas delas têm filhos nessa atividade, mas as que se veem no futuro mantendo-se nessa atividade (e principalmente quanto ao que projetam para seus filhos) são, em geral, lideranças do processo de cooperativas que já estão mais organizadas e com uma visão maior do processo de reciclagem e suas possibilidades no futuro “com as cooperativas em rede” e o poder público cumprindo seu papel”.

Afirma que ela e depois os filhos foram entrando para a cooperativa e “*tomaram gosto pela reciclagem*”, após ela estar quase um ano como catadora avulsa.

Os entrevistados e entrevistadas valorizam este aspecto da consciência em fazer educação ambiental da população, que é um dos pilares de uma política pública voltada para o reaproveitamento e a recuperação de resíduos.

Vários trechos revelam momentos significativos das expectativas do trabalho de reciclagem e do reconhecimento do seu valor e potencial baseado em trajetórias reais.

Sonia, da Cooperativa Cantareira Viva, além de outras que observam a precariedade da situação atual das cooperativas sem a ação ou com a inação do poder público, enfatiza a necessidade de alteração das condições de trabalho com a reciclagem no sistema de cooperativas. Diz estar satisfeita com o trabalho, mas revela sua aspiração:

“...se a cooperativa viesse logo [refere-se ao convênio com a prefeitura] gostaria de trabalhar menos horas... descansar um pouco mais seria bom. Eu gostaria de mudar, de não fazer mais a coleta na rua que é o que mais desgasta a gente. Você anda muito faz' muito esforço e tal. Só com uma cooperativa que eu sei que isso tem condições de acontecer porque vai ter gente suficiente pra dividir a coleta e as pessoas podem ir em outros lugares, participar das reuniões etc.”

É possível afirmar que o desejo das catadoras, pelo menos daquelas que já tem alguma experiência seja como catadora organizada ou avulsa é realizar o trabalho coletivo da coleta seletiva, mas sem a precariedade e instabilidade com que ele é feito atualmente por falta de apoio do poder público. Em suma a sustentabilidade está no horizonte, dos atores questão que não foi possível tratar neste texto, mas foi objetivo da pesquisa.

A partir da experiência de catação na rua e depois como trabalhadoras nas cooperativas, somada à vivência de algum tipo de participação na comunidade ou em algum movimento, ou participação local em atividades de grupo, seja em postos de saúde ou conselhos de saúde de sua região, ou do movimento por moradia, por exemplo nos mutirões, dentre os citados nas entrevistas, essas trabalhadoras conseguem conceber uma forma mais satisfatória de trabalho para si e para a cidade que se beneficiaria da coleta seletiva organizada contemplando os catadores.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Uma questão que aparece em algumas entrevistas é que o trabalho como empregada doméstica é bastante opressivo para as mulheres e também para as catadoras, mesmo quando se referem ao peso, à sujeira ou ao cansaço do trabalho de catar na rua se sentem mais livres do que no emprego doméstico. A esse tipo de trabalho não querem voltar: apontam mau tratos, desconfiança e suspeita por parte das patroas, humilhações, enfim; impossibilidade de autonomia e controle do seu tempo e limite na jornada de trabalho. Pelas entrevistas feitas parece que as mulheres querem flexibilidade, mas sem precarização o que, ao menos em tese, a proposta de trabalho em cooperativas parece possível de proporcionar.

A inserção social que as associações e as cooperativas proporcionam aos catadores como parte de um sistema público de coleta seletiva em sua forma mais avançada de estruturação poderia significar mais dignidade do trabalho e o acesso a benefícios sociais. Essa reflexão como componente da sustentabilidade foi importante nos debates em grupo ocorridos na segunda etapa da pesquisa.

As catadoras apresentam como problemas de suas condições atuais de trabalho, sejam avulsas ou organizadas em cooperativas, os riscos de acidentes com materiais que não deveriam aparecer na atividade de triagem e de coleta, mas que ainda são encontrados frequentemente e por isso estão sujeitas à contaminação devido a agulhas e seringas, ou seja, resíduos hospitalares; vidros quebrados; risco de doenças como leishmaniose etc. Mesmo que a maioria tenha acesso a luvas e outros equipamentos de proteção, além de terem acesso a vacinas nos postos de saúde, há o problema relatado por algumas catadoras que trabalham nas ruas de que o uso das luvas atrapalha a agilidade no trabalho e acabam por usá-las pouco.

Porém, há relatos de trabalho de associações e cooperativas de catadores que se preocupam em fazer o vínculo com o serviço público de saúde de referência ou um posto de saúde público mais próximo. Em dois dos casos relatados nas entrevistas disseram ter matrícula no serviço de saúde próximo e visitas regulares de agentes de saúde ligados ao serviço ou, ainda, as que têm ligações com a comunidade local relataram desenvolver uma relação mais direta com pessoas dos serviços de saúde a quem possam recorrer quando necessário e que compreendam os problemas de saúde das/os catadoras de materiais recicláveis e o atendimento seja mais humanizado.

Dulce, da Coopel menciona o cansaço e a sujeira como grandes problemas que gostaria de ver superados como o “medo de acidentes com carroças” etc.: ela almeja “não estar puxando mais carroça”; “que a gente não se sujasse tanto”.

Há problemas de saúde devido às condições de trabalho citados pelas catadoras que merecem ser



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

mais investigados e ser objeto de discussão coletiva visando a prevenção e formação. Dona Tarsila (entrevista 14) por exemplo aponta alguns:

“...é problema de pele, começa a descascar, cabelo cai, tem muita queda de cabelo, não sei bem o porque...Até mesmo infecção de rim, que muita associação não tem um banheiro que está disponível que seja para mulher, então acaba tendo infecção de rim...

Na rua, por exemplo, lá na baixada do Glicério tem os banheiros químicos lá que é difícil a higiene, aí a pessoa vai nos barzinhos por aí fora, mas é difícil. Mesmo pra gente que está coletando na rua, a gente não tem banheiro disponível em nenhum lugar, mesmo pros catador de rua.”

Uma questão que chama a atenção é que muitos dos problemas de saúde que possuem acabam sendo invisibilizados para si mesmas. Ou seja, na relação saúde-doença as condições de trabalho não ficam claras pra elas mesmas, como possíveis desencadeadoras ou causas de agravos de saúde; até mesmo o sofrimento do trabalho é minimizado; muitas trabalham com dores e mesmo acidentadas não consideram acidente de trabalho o que lhes ocorreu. Essa alienação com relação ao próprio corpo, em alguns casos, se evidencia ao não vincularem as doenças às suas condições atuais ou anteriores de trabalho como catadoras; pelas tarefas que realizam ou realizaram ou mesmo pela sobrecarga de trabalho e preocupações com obter um ganho mínimo que as fazem correr riscos, os quais não são nem de longe vistos como violação de seu direito à saúde e a uma vida saudável.

Aparecida, da Coopere descreve seus problemas de saúde como se nada tivessem a ver com o sistema de trabalho a que tem que se submeter:

“Olha, eu não tenho incômodo de trabalhar aqui não. A única coisa que me incomoda um pouquinho é porque há 3 anos atrás, eu sofri uma queda, né, e eu fui na emergência e demorei encontrar tratamento, só fazendo medicação de emergência e isso me causou uma osteoporose. Hoje eu faço tratamento com vários médicos, eu trabalho com muita dor, sabe, que minha doença não tem remédio que tira a dor... Eu caí aqui, entrando num sábado, eu estava atrasada e eu entrei correndo, escorreguei, arranquei o tampo do joelho, e dali pra cá...gosto do meu serviço e eu gostaria de estar fazendo ele sem dor, porque é horrível, entende?”

Dona Janete, catadora avulsa ao contar o medo que sente de ser atropelada ao percorrer ruas movimentadas, pois não enxerga de uma vista, menciona o barulho do trânsito, o peso, a fome, a sede e um sofrimento psíquico a mais, como a vergonha:

“Isso tudo incomoda... aí eu procuro subir mais o carrinho, encosto e respiro... que é muito barulho sabe?... Assim, trabalhar em outro canto, eu queria. Na sombra, tomar água fresquinha, trabalhar ali direitinho, isso aí eu queria. Que a gente na rua, a gente sofre forte, passa fome, passa sede,...



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

que eu sou um pouco meio envergonhada, tem hora que eu estou morrendo de sede e tenho vergonha de chamar na porta uma pessoa pra pedir água, porque está vendo que eu to toda suja e do jeito que as coisas estão difíceis, o povo tem medo”.

De um modo geral as mulheres mencionaram o cansaço da atividade: uma cooperada da única cooperativa conveniada com a prefeitura na zona sul da cidade aponta que mulheres e homens também têm muitas dores nas costas, na coluna, nas pernas, nos membros e alergias devido ao pó.

Chama a atenção, mais uma vez, a construção de uma consciência ambiental da catadora em relação aos benefícios de se destinar os materiais recicláveis para a cadeia da reciclagem. Esta compreensão revela o potencial deste segmento de trabalhadores atuarem como agentes e educadores ambientais na sociedade.

Apesar da fragilidade dos vínculos sociais de grande parte das catadoras e catadores entrevistadas/os, especialmente dos homens avulsos, mesmo os que têm família, parte das catadoras, (mais do que os catadores entrevistados) desenvolvem alguma relação com a comunidade, seja participando em associações, equipamentos públicos que fazem algum tipo de trabalho coletivo como o citado por uma das catadoras acima, ou movimentos que lhes possibilitem resolver problemas de saúde e moradia. Foram mencionados: participação em mutirões por habitação, onde o grupo constrói em coletivo a casa com recursos do poder público ou de movimento de moradia, além de Conselhos como de direitos da criança e dos adolescentes. Trabalhos comunitários ligados à igreja também apareceram em algumas das entrevistas principalmente como um canal de participação comunitária para os filhos das catadoras. Além do Instituto Pólis, a que várias das entrevistadas se referiram por estar envolvido com a questão do desenvolvimento sustentável, o Fórum Lixo e Cidadania, parte das entrevistadas participam ou participaram em algum momento de Fóruns de Catadores ou de Meio Ambiente em suas regiões. Dentre os homens entrevistados, os catadores que vivem em albergues foram os que narraram maior dificuldade de desenvolver vínculos sociais. Um deles tem pouca atuação pública demonstrando um acanhamento gerado na medida em que não consegue um lugar para morar, devido à falta de renda suficiente para alugar casa ou quarto de pensão, o que o distanciou até da irmã que mora no município da região metropolitana de São Paulo.

### **Organização de catadores e as possibilidades de participação**

O movimento nacional ou regional de catadores é uma referência no estímulo à participação, à luta por condições dignas da profissão e para impulsionar a formação de cooperativas. Algumas catadoras e catadores avulsos afirmaram não conhecer o movimento. Outros mencionaram que sua



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

atuação é mais voltada para realizar cursos de capacitação que debatem o papel dos catadores e catadoras e para pensarem na importância da coleta seletiva para a cidade e de como incluir os catadores nesse processo gerando renda para muitos e melhorando as condições de trabalho. Algumas das entrevistadas já acumulam uma reflexão sobre a importância da formação de redes de cooperativas e grupos de catadores para obterem melhores ganhos frente às indústrias.

Dona Tarsila (entrev.14), que trabalha e participa das lutas por reivindicações da comunidade como representante participou de várias maneiras e instâncias, refere-se ao movimento de catadores da seguinte maneira e à maior participação das mulheres:

“o movimento é cada um de nós, então tem aquelas áreas em que atua, eu acho interessante. O objetivo acho que é melhorar a vida do catador, independente de onde ele esteja: pode ser um catador avulso ou pode ser um catador de cooperativa, de associação. O movimento tem bastante mulher, elas são bem ativas dentro do movimento”.

Esse trecho constata a compreensão dessa importância, sobretudo com o conhecimento das possibilidades de mercado cada material no mercado e onde podem ser mais encontrados nas diferentes regiões:

**(...)” em termos de coleta seletiva e de reciclagem, olha pra ser sincera, não existe coleta seletiva sem os catadores. Porque quem entende mesmo de coleta seletiva é quem cata na rua, que passa a ter um relacionamento muito bom com as pessoas na rua, tanto é que tem pessoas que pegam esse material, tem gente que até lava as caixinhas, as latas pra dar o material limpo... Então a população em si reconhece o nosso trabalho. Quem não reconhece o nosso trabalho é o poder público... A gente tem que brigar muito pelas coisas”.**

A maioria das catadoras que trabalha em cooperativas e associações de catadores considera que a ampliação da coleta seletiva feita pela prefeitura por meio da Limpurb é fundamental. Considera que deveria ter mais Centrais de Triagem, para as quais a prefeitura levaria o material reciclável para ser triado, o que traria melhores condições de trabalho já que poderia reduzir as horas de coleta na rua ou mesmo concentrar-se apenas na triagem. Cabe salientar que parte dos catadores tem a compreensão e adesão clara ao cooperativismo. Outra parte ainda busca condições de trabalho nos moldes do emprego formal, com relações de patrão-empregado e direitos trabalhistas. Para estes, a forma de trabalho em cooperativa deveria oferecer maior proteção social para os cooperados e cooperadas (que é expresso por meio do desejo de ter a carteira assinada, de ter 13º salário etc).

A respeito da gestão do sistema de coleta seletiva, as opiniões variam de reivindicações pontuais a um sistema mais amplo com participação ativa de cooperativas para venda em rede dos materiais



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

recicláveis, solução vista como uma saída para incluir e gerar renda para catadores e catadoras que atualmente catam isoladamente nas ruas da cidade.

Do ponto de vista das demais políticas públicas que contribuiriam para a melhoria das condições de vida das catadoras, várias das entrevistadas destacam as creches e escolas com tempo integral, além da melhoria do atendimento nos postos de saúde pública e uma política de moradia popular são as citadas como necessárias. Pelo menos três das entrevistadas citam a importância da creche pública para poderem trabalhar. A ausência de creches também é apontada pelas catadoras avulsas como importante.

Esperam mais do poder público no sentido de abrir portas para incluir muitos catadores/as, cumprindo seu papel na gestão sustentável da cidade, além de criar oportunidade de uma remuneração mais estável e com mais direitos, uma melhora na consciência ambiental da população em relação à coleta seletiva e uma atitude mais solidária e respeitosa frente aos catadores. Parte dessa visão é algo pelo que a maioria das entrevistadas já luta no dia a dia e já é fruto de anos de trabalho do MNCR.

As cooperativas são espaços que dão condições para o debate sobre novas possibilidades de organização do trabalho contemplando as necessidades das mulheres/para isso concorrem as políticas de cooperativas de catadores. É fundamental que se reconheça o nó crítico do trabalho de catadoras e catadores: a habilidade e predisposição das mulheres para as tarefas da seleção fina exigida pela triagem para o mercado são resultados da árdua socialização das mulheres, no entanto, essas qualificações são naturalizadas, em parte pelas próprias mulheres e homens que ao fazê-lo desvalorizam esse trabalho na cadeia do setor. Ao ser considerado feminino, advém uma carga valorativa de que seu valor é menor material e simbolicamente. Algumas catadoras, que trabalham em cooperativas e não saem mais com frequência nas ruas para a coleta, e estiveram na oficina do grupo que realizamos com lideranças das catadoras e do MNCR afirmaram “sentir falta da rua, das novidades, da informação rápida e visual, de onde acontece de tudo”, assim, indicando que ao menos aquelas que não chegam a 40 anos principalmente, consideram atrativa o rodízio de tarefas que algumas cooperativas já promovem onde sair com o caminhão, ir aos pontos de coletas ou ecopontos são valorizados por elas. O que se ressaltou é que todas são, na prática multi-tarefas, e os homens querem se especializar numa determinada função.

A qualificação das mulheres para a triagem é também reconhecida pelos representantes de indústrias recicladoras, embora o que ocorre é a chamada “funcionalização das mulheres”: ao dizerem que as mulheres são naturalmente dedicadas e boas selecionadoras de materiais se



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

esquivam de pagar melhor pelo trabalho de triagem que é fundamental no processo de reciclagem.

Ao final do debate ficou claro para nós que a triagem e seleção fina de materiais recicláveis é condição central e *sine qua non* sem a qual o processo de reciclagem não se realiza de forma adequada.

As catadoras reconhecem que é necessário haver “mudança de hábitos” tanto com relação às tarefas remuneradas quanto às tarefas domésticas. dessas mulheres, seja na sentida pressão psíquica sobre seu tempo, seja no cansaço extremo do acúmulo de tarefas, tão mais grave dadas as condições de trabalho sobretudo das catadoras que saem nas ruas com carroças ou carrinhos etc.

O que observamos com a pesquisa é a diversidade de discurso e percepção entre as próprias catadoras, o que aponta para uma ampliação da identidade feminina. Muitas delas já perceberam suas capacidades e habilidades para todas as tarefas do processo de trabalho em que atuam. Sabem que podem negociar, comercializar, embora algumas por acomodação ao papel tradicional e pela maior disponibilidade e “prontidão” dos homens em ocuparem esses papéis de maior destaque acabam por se adequar ao convencional.

Uma questão a ser refletida é se não deveríamos apontar uma outra alternativa de encarar a economia no caso da inserção do trabalho associado ou cooperativo, encará-la nos marcos de uma outra visão de economia, como a economia solidária. Em todo caso, há espaço de discussão sobre empreendimentos de reciclagem como alternativa para as mulheres na economia solidária.

Outra questão que podemos refletir é sobre podermos desconstruir a atual divisão sexual do trabalho que se reproduz tanto nas atividades de catadoras/es que trabalham na ruas quanto nas cooperativas.

Como realçou uma catadora no grupo de discussão, as cooperativas favorecem o debate, as propostas e a crítica por ser um ambiente de deliberação coletiva, podem ser um espaço mais democraticamente gerido do ponto de vista de gênero.

Por fim, outro nó crítico são as políticas públicas para o entorno das cooperativas ou mesmo dos locais de moradia das catadoras. Como socializar minimamente a questão dos cuidados com os filhos? A questão da creche acessível próximo ao local de moradia, da escola em tempo integral como atribuição do poder público, restaurantes populares já facilitariam o trabalho das mulheres e dos homens que assumem a tarefa de levar filhos na escola.

Outra política de suma importância além de equipamentos de saúde e educação para os catadores e catadoras apontadas por grande parte das entrevistas é a de habitação. Morar em pensões e até em albergues (mais comum entre os catadores) é relatado pelas entrevistadas como algo a ser superado e a casa um direito a ser conquistado e que se almeja ativamente. Ter uma casa, significa mais do



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

que um teto, significa ter direito à individualidade, à viver em condições dignas com a família etc. Assim, há que se debater o caso de uma justiça de proximidade (Guérin, 2003) ao pensar um conjunto de políticas pública aliadas às políticas de inclusão e proteção do trabalho das catadoras/es nas cooperativas localmente distribuídas, isto é descentralizadas no espaço urbano.

Quais mecanismos poderiam ser criados para alterar a divisão sexual do trabalho dentro das cooperativas principalmente? Uma das hipóteses apontadas foi que igualar os salários seria fundamental para pensar uma estrutura mais justa. Mas remarque-se bem; alterar as tarefas não muda as relações de gênero em direção à equidade. Por exemplo, temos uma divisão do trabalho que desqualifica a triagem quando ela é fundamental nessa cadeia produtiva. É necessário ter claro que um dos princípios ou ideologia de gênero da divisão sexual do trabalho é a desqualificação das tarefas executadas pelas mulheres, independentemente do que elas estão fazendo. E o mercado se aproveita muito bem disso. Até mesmo as mulheres caem na armadilha de desvalorizar seu próprio trabalho. Pelo contrário, temos de reconhecer e visibilizar que as habilidades que as mulheres desenvolveram pela sua experiência são fundamentais para a humanidade e para a sustentabilidade de qualquer trabalho especialmente essencial para a sustentabilidade de um modelo de gestão de resíduos urbanos. Portanto, trata-se de compartilhar essas experiências e habilidades para dar mais qualificação ao modelo de coleta seletiva.

Com relação à multi-funcionalidade do trabalhado das mulheres, algumas catadoras no grupo lembram que há algumas cooperativas que já incentivam um rodizio de tarefas e uma delas já dividem em boxes o trabalho em duplas, um homem e uma mulher. Se existem experiências concretas nesse sentido é mais um argumento contra a acomodação à tradicional divisão sexual do trabalho. É possível reorganizar as atividades levando-se em conta esse olhar de não reproduzir a divisão atual de gênero marcada pela assimetria e hierarquia de gênero em favor dos homens.

Algumas lideranças das catadoras ressaltaram que deveríamos, no caso de São Paulo, organizar os cerca de 80 grupos de catadores como numa rede de colaboração mútua e “central de informação” como ponto de partida e que tivesse como tarefas um mapeamento das possibilidades de cooperativas e que se discutissem redes de apoio às necessidades das catadoras e com flexibilidade de horários e se priorizassem dentro da jornada de trabalho momentos para a discussão das questões como essas e as do compartilhamento entre todos das tarefas relativas aos cuidados com os filhos dos catadores.

Por fim, é necessário frisar a valorização do trabalho de cuidados e da defesa de meios de vida ameaçados, como é o caso dos cuidados com o entorno, com aquilo que pode ser reaproveitado,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

exercida predominantemente pelas mulheres pode ser valorizado na direção do compartilhamento de tarefas numa proposta de sustentabilidade de um sistema público de coleta seletiva. Esse é um desafio ambicioso mas que já pode ser colocado no horizonte.

Um dos sujeitos mais relevantes nessa pesquisa é o MNCR – Movimento Nacional de Catadores de Recicláveis. Este movimento construiu a legitimidade desse segmento social como profissionais do setor de resíduos sólidos capazes de integrar e operar adequadamente sistemas municipais de recuperação de resíduos sólidos urbanos.

O MNCR surgiu em meados de 1999 no 1º Encontro Nacional de Catadores de Papel e foi fundado em junho de 2001 no 1º Congresso Nacional dos Catadores(as) de Materiais Recicláveis em Brasília, evento que reuniu mais de 1.700 catadores e catadoras. Nesse congresso foi lançada a Carta de Brasília, documento que expressa as demandas dos catadores e catadoras materiais recicláveis. Foram realizados outros congressos de âmbito latino-americanos no contexto do Fórum Social Mundial, o que foi fortalecendo a luta dos catadores/as por direitos dentro e fora do Brasil. O MNCR conquistou ademais reconhecimento do governo federal, especialmente durante o período em que foi governado pelo Presidente Luis Inácio Lula da Silva, que se expressa em diversas ações, promulgação de decretos e por fim pela aprovação da Lei Nº12.305/2010.

---

Vale destacar que a recém aprovada Lei Nº 12.305 da Política Nacional de Resíduos Sólidos foi regulamentada por decreto na Expo Catador 2010 e a mesma contém 11 referências à participação dos catadores/as. Além disso, foi decretada no evento a criação do Programa Pró Catador que tem a finalidade de integrar e articular as ações do governo federal voltadas ao apoio e ao fomento à organização produtiva dos catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis, à melhoria das condições de trabalho, à ampliação das oportunidades de inclusão social e econômica e à expansão da coleta seletiva de resíduos sólidos, da reutilização e da reciclagem por meio da atuação desse segmento. É preciso primeiramente haver uma tomada de decisão política pela administração pública municipal de que deve-se requalificar a atual política pública de coleta seletiva da cidade de São Paulo e integrar o conjunto dos/as catadores/as e suas organizações no modelo já existente. Brevemente, cabe lembrar que o modelo vigente é constituído por 17 cooperativas de catadores que são conveniadas com a administração pública da cidade e realizam parte do circuito de coleta seletiva (outra parte é feita por equipes de empresas contratadas), assim como a triagem e beneficiamento dos materiais recicláveis. A seguir é necessário identificar as cooperativas e associações de catadores/as que já atuam na cidade sem convênio com o poder público (são aproximadamente 150 grupos, ou seja, em torno de 3000 pessoas) e fazer um estudo aprofundado



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

de qual seu potencial de contribuição num sistema público de recuperação de resíduos sólidos - coleta seletiva, triagem, beneficiamento e comercialização. Isso requer a realização de um mapeamento em profundidade deste universo. Os representantes do Movimento Nacional de Catadores de Recicláveis são taxativos quanto a que o poder público faça um mapeamento também dos avulsos/as com vistas a encontrar modalidades de integração dos mesmos. O desenho do modelo de coleta seletiva deve contemplar o reconhecimento do trabalho dos catadores como um serviço estruturante da cadeia da reciclagem; mais especificamente para levar em conta a dimensão de gênero deve-se criar mecanismos participativos para dar voz às mulheres catadoras que atuam na cidade de forma a ser ouvida e levada em conta no sentido de viabilizar um modelo sustentável, saudável e solidário de recuperação de resíduos sólidos. A descentralização do sistema de coleta seletiva na cidade é um elemento chave que vem sendo defendido pelo pelos diversos movimentos, e fóruns que atuam neste campo, pela lógica ambiental e econômica. Também do ponto de vista de gênero a descentralização garante o local de trabalho próximo à moradia, à escola e à creche, ao posto de saúde, reduzindo o tempo com deslocamentos e gastos com transporte, o que é estratégico no desenvolvimento de uma cidadania amigável às mulheres. Isso é conceituado como um bem viver com *justiça de proximidade*. A estruturação e organização do trabalho nas cooperativas de catadores, por sua vez, possibilita integrar e mesclar as atribuições e funções nos espaços de trabalho, o que favorece uma divisão do trabalho mais equitativa entre mulheres e homens, impedindo a cristalização da divisão sexual do trabalho tradicional. A questão da remuneração do trabalho realizado pelas cooperativas e associações de catadores/as pode ser considerada como um aspecto central para a sustentabilidade do modelo de coleta seletiva, dado que apenas com a receita advindo da comercialização dos recicláveis o funcionamento e manutenção da estrutura operativa das cooperativas e associações não se viabiliza. Mas, o argumento mais importante é o de que o trabalho das cooperativas e associações é estratégico para a gestão sustentável de resíduos sólidos da cidade de São Paulo.

### **Referências Bibliográficas**

- CARRASCO, Cristina. La sostenibilidad de la vida humana: un asunto de mujeres? *Mientras Tanto*, n° 82, 2001. Barcelona.
- GUÉRIN, Isabelle. Sociologia Econômica e relações de gênero. In: GODINHO, T. E EMÍLIO, M. (orgs) *Trabalho e cidadania ativa para as mulheres*. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher. PMSP, 2003.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

HIRATA, Helena. *Nova Divisão Sexual do trabalho? Um olhar voltado para a empresa e a sociedade*. São Paulo: Boitempo, 2002.

OIT. *Trabalho e Família: Novas formas de conciliação com Co-Responsabilidades Familiares*. Brasília: PNUD/OIT/SPM, 2009. Publicado também em espanhol.

KERGOAT, Danièle. Relações sociais de sexo e divisão sexual do trabalho. In: LOPES, M. E MEYER, D. (orgs) *Gênero e Saúde*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

SORJ, Bila. O trabalho doméstico e de cuidados: novos desafios para a igualdade de gênero no Brasil. In: SILVEIRA, M.L. e TITO, N.(orgs) *Trabalho Doméstico e de Cuidados: Por outro paradigma de sustentabilidade da vida humana*. São Paulo: SOF, 2008.